ISSN: 2358-8829

POR QUE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA UNIVERSIDADE?

Delma Pacheco Sicsú[1]

INTRODUÇÃO

Ao se destacar a Literatura Indígena como objeto deste estudo, reconhece-se sua importância como ferramenta para debater e colocar em prática a Lei 11.645/2008 dentro da Universidade e, consequentemente, nas escolas.

A Literatura Indígena é uma ferramenta fundamental na formação do licenciando em Letras para que este compreenda o papel da produção literária de escritores autóctones como instrumento para a promoção de uma educação intercultural, antirracista, mais inclusiva e equitativa.

A presente proposta de trabalho visa mostrar os resultados de pesquisa, ensino e extensão com a Literatura Indígena na Universidade, compreendendo não apenas o espaço acadêmico, mas também o contexto escolar onde, por meio de atividades de pesquisa e extensão, circula esta literatura. O trabalho desenvolvido com a Literatura Indígena, principalmente de escritores amazonenses, dentro dos três pilares da Universidade tem contribuído para a formação intelectual dos licenciandos em Letras e para o reconhecimento desta literatura como um dos mecanismos de manutenção de nossa identidade cultural amazônica.

O Ensino da Literatura Indígena na Universidade é fundamental no processo formativo do licenciando em Letras, afim de que este desde o início de sua graduação, não apenas leia textos literários indígenas, mas os estude e os analise em sua profundidade, complexidade e riqueza, reconhecendo-os como arte literária, portadora de todos os elementos que constituem um texto literário, contudo diferenciados, por tratar-se de uma literatura que rompe com a tradição literária brasileira. É uma literatura diferenciada em que a autoria do "eu-nós" (Dorrico, 2018) expressa o caráter político e coletivo desta literatura, cuja cultura, pensamentos, memória, identidade, saberes e línguas dos povos originários estão impressos na escritura de cada escritor conforme a etnia a qual ele pertence.

"Esta literatura apresenta caracteres específicos, tais como a evocação da pessoa singular 'eu' indissociável do coletivo étnico 'nós, e a expressão literária 'lírica' evoca a resistência 'política'". (Dorrico, 2017, p.216)

A Extensão, segundo tripé da Universidade, possibilita que a Literatura Indígena vá além dos muros da Universidade e circule no "chão das escolas públicas" por meio de projetos contínuos e sistematizados. Além de promover a circulação e recepção desta literatura nas escolas, a Extensão aproxima a Universidade da comunidade escolar e oferece aos professores e alunos o conhecimento sobre a cultura indígena e sobre as

[1] Doutora em Literatura pela UNB; professora do curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas; E-mail: dsicsu@uea.edu.br

diferentes etnias, por meio dos livros literários indígenas, bem como a divulgação dos inúmeros escritores autóctones e de sua produção literária.

Na Pesquisa, terceiro tripé da Universidade, é onde a Literatura Indígena é objeto de investigação e possibilita ela ser investigada por meio da pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica. Neste ponto é importante frisar o PAIC (Programa de Iniciação Científica), os TCCs(Trabalhos de Conclusão de Curso), as dissertações de mestrado e as pesquisas de doutorado que têm contribuído exponencialmente com as pesquisas sobre LI.

Autores como Almeida (2004), Mundurku (2017, 2020), Kambeba (2018), Thiel (2012), Graúna (2013), entre outros, nos dão sustentação teórica deste estudo.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem uma abordagem qualitativa por se tratar de um estudo que toma como objeto de pesquisa a Literatura Indígena e busca estudá-la na sua complexidade e diversidade impressas nas páginas do livro bem como sua circulação e recepção no ambiente univesitário e em escolas públicas.

Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O estudo faz uma abordagem geral do trabalho desenvolvido com a LI no curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, destacando a importância dessa literatura no currículo do referido curso.

O tipo de pesquisas deste estudo é Bilbliográfica e de Campo, pois ambas são utilizadas no percurso presença da Literatura Indígena no curaso de Letras desde 2015.

> A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (Fonseca, 2002, p. 32).

Quanto a pesquisa bibliográfica com a Literatura Indígena, destaca-se aqui trabalhos desenvolvidos no Paic (Programa de Iniciação Científica) e TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso) em que essa literatura tem sido o objeto de investigação e de inúmeras temáticas inscritas nos livros de autoria indígena.

“A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso

de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (Fonseca, 2002, p.26)".

Na pesquisa de campo, destaca-se aqui as investigações desenvolvidas em escolas públicas de Parintins com estudantes e professores da Educação Básica a fim de investigar se a Literatura Indígena circula na escola e como ela é recepcionada pelos leitores. Assim, na pesquisa de campo tem-se como sujeitos professores e alunos de escolas públicas de Parintins.

Assim para desenvolver este trabalho de pesquisa sobre a Literatura Indígena, a metodologia seguiu as seguintes etapas:

Levantamento bibliográfico

Levantamento de projetos de Iniciação Científica

Levantamento de projetos de Extensão

Levantamento da inclusão da Literatura Indígena no currículo de Letras

Análise dos dados

A metodologia escolhida para este estudo buscou nos subsidiar no processo de investigação e na abordagem crítica e reflexiva acerca da presença da Literatura Indígena dentro do tripé da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na tradição literária brasileira o indígena é representado e falado por um escritor não indígena. Mesmo em posição de protagonista, o autóctone é apresentado ao leitor pelo viés de um olhar exógeno, cuja representação é revestida de preconceitos e estereótipos. Essa realidade começa a mudar, no entanto, quando no século XX aparecem as primeiras escritas literárias indígenas.

> Cerca de quarenta povos indígenas do Brasil já publicaram seus livros e "cartilhas" que, quase sempre, se dirigem disfraçadamente aos brancos para redesenhar o seu terra à. Vista.
>
> Assistimos atualmengte a uma espécie de eclosãodo que nomeio a priori uma literatura indígena no Brasil, que, ao meu ver, configura um movimento literário, na medida em que pode ser observado nos seus aspectos coerentes e sistemáticos, como um grande texto que se dá a ler. Seus escritores representam uma população de cerca de 350.000 indivíduos falantes de aproximadamente 180 línguas difrentes, além do português, e habitam desde a fronteira brasileira com a Venezuela até a fronteira com o Uruguai.

> Em minhas pesquisas, realizadas entre 1996 e 1998, tive a oportunidade de conhecer cerca de 100 títulos de autoria indígena, públicados nas ultimas duas décadas. (Almeida, 2004)

Como visto, os registros da produção literária indígena coletados por Almeida provam a existência dessa literatura que desponta para o mercado editorial desde as duas útimas décadas do século XX, como é o caso da publicação de *Antes o mundo não existia* de autoria de Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãn Kenhiri indígenas da etnia Desana, em 1980. No século XXI, o caminho preparado no século anterior, faz com que produção literária indígena percorra novos caminhos, ultrapasse fronteiras, ganhe espaço cada vez mais no mercado editorial, provoque uma renovação no sistema literário brasileiro e passe ser ainda mais interesse de pesquisa.

> Os estereótipos e os preconceitos no campo da cultura e da história indígena são apenas uma ponta do iceberg; mas não levaremos mais 500 anos dependendo do aval das academias que só reconhecem a expressão literária indígena se esta for "baseada unicamente [e obrigatoriamente] na existência do livro ['branco'] tal como o conhecemos na atualidade", conforme intuímos do pensamento de Capriles. Os tempos são outros: recentemente, foi aprovada a **Lei 11.645**, em 10 de março de 2008, que obriga a inclusão da História e da Cultura indígena nos bancos escolares; graças à luta de lideranças dos povos originários, isto é, considerados indígenas; povos de cada nação com sua língua, sua cultura, sua tradição e espiritualidade diferenciadas da sociedade dominante. (Graúna, 2020)

Entre as pesquisadoras da literatura indígena destacamos aqui o trabalho da professora Janice Thiel em seu livro *Pele sonora pele silenciosa: a literatura indígena em destaque* (2012). Nesse livro, Thiel analisa as diferentes textualidades impressas nos livros literários indígenas e a construção da identidade pelo próprio indígena. Assim, quando se lê um livro indígena, lê-se não apenas a palavra escrita, mas também as ilustrações, os grafismos, os glossários.

Por ser um texto multissemiótico, o livro indígena é carregado de sentidos e comunica, socialmente, a cultura, a identidade e o pertencimento de cada escritor, cuja história não precisa ser tutelada pelo olhar exógeno, preconceituoso e estereotipado do branco, pois agora ele é autor, sujeito e protagonista de sua própria história. Para Thiel

(2012) a escritura indígena é instrumento de resistência cultural e de autodenominação, tem um caráter político e coletivo.

A Literatura Índígena é política, pois é um dos instrumentos da luta e resistência dos povos originários. E ao escrever um livro, em coautoria ou não, o escritor indígena passa a ser porta voz de seu povo, inscrevendo nas páginas do livro a cultura de uma nação, seus costumes, lutas, mitos, lendas, saberes contribuindo assim para a manutenção da história da etnia a qual ele pertence.

> Os povos, pela literatura, estão atuando politicamente; ler nos convida a refletir sobre nosso posicionamento sobre nosso posicionamento diante de determinada situação cultural, política ou social e, nessa caminhada, ora anunciamos e denunciamos. A escrita indígena é uma forma de autoexpressão de uma resistência que se arrasta e de uma existência que se afirma nos moldes de uma sociedade que venda os olhos para um aprendizado com os povos numa atitude recíproca de solidariedade, cuidado, respeito, onde nada é meu senão que tudo é nosso.
>
> [...] Para os povos indígenas, a escrita tem sua importância na forma de resistência, registro do pensamento e estratégia de continuidade para as futuras gerações. Sempre alguém falou pelos povos, é chegada a hora de cada nação se manifestar sobre sua realidade e cultura. Então pensamento começou a ser organizado e desenhado, ganhou formas de letras, gravuras, imagens, e adentrou aldeia e cidade. Isso explica o fato de ser importante aprender a ler e a escrever em Português, idioma brasileiro, sem perder a língua materna". (Kambeba, 2020, p. 92)

Dominar a técnica da escrita e a Língua Portuguesa é um mecanismo de luta, mas também de diálogo dos povos originários com a sociedade nacional, a fim de que sejam ouvidos, suas vozes ecoem para além do espaço e o livro seja um suporte no qual o pensamento, a cultura e os anseios das comunidades indígenas se façam presentes.

Dominar as formas de comunicação usadas pela sociedade do branco, não significa que o indígena deixa de ser indígena quando faz uso dessa forma, nem tampouco que a memória de seu povo se apague, pois como afirma Daniel Munduruku: "A Memória é um vínculo com o passado sem abrir mão do que se vive no presente". (Munduruku, 2017, p. 116). Escrever, portanto, não apaga a memória, mas a mantém e resguardada para as próximas gerações.

> Assim tem funcionado a Memória ancestral dos povos indígenas. Para manter viva, atualizada, procura fazer uso dos instrumentos que dispõe. Ser indígena

> e ficar apegado a uma tradição – escrita com minúsculo- é não perceber, compreender e aceitar a dinâmica da cultura. É não estar em sintonia com a lógica que fundamenta a criação do mundo. É fugir da função de cocriação que nos é da pela Memória". (Munduruku, 2017, p. 119)

Escrever não é apenas resguardar a memória, mas também um ato de resistência contra todo processo histórico de apagamento da história dos povos indígenas ao longo dos séculos. O protagonismo da Literatura Indígena está em não apenas registrar narrativas orais, mitos, lendas, mas também ser portas voz dos anseios, das lutas pelos direitos indígenas, da necessidade de falar com a sociedade não indígena, mesmo usando a língua do colonizador.

Ao se promover o Ensino, a Pesquisa e Extensão da Literatura Indígena na Universidade e ao se promover atividades extensionistas atreladas ao ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Básica, em escolas públicas, cumpre-se a Lei 11. 645/2008 e se promove uma educação antirracista, mais democrática, equitativa com vistas à valorização e reconhecimento da importância desta literatura na formação do licenciando em Letras, na formação continuada de professores de Língua Portuguesa, na circulação, recepção e divulgação desta literatura. Pois, "a diversidade cultural é um dos pilares da identidade brasileira, e o reconhecimento e valorização das culturas indígenas são imprescindíveis para uma educação que realmente represente o país em toda a sua complexidade." (Lima, 2015, p, 78)

Do exposto, ratifica-se assim a importância das pesquisas, dos estudos e das práticas leitoras, extensionistas com a Literatura Indígena nos espaços de educação formal, o cumprimento da Lei 11.645/2008 e o reconhecimento das vozes dos povos originários como território de conhecimento, construção de saberes e mecanismo de combate aos estereótipos e preconceitos que os indígenas ainda sofrem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico descreve, de forma suscinta, o trabalho desenvolvido com a Literatura Indígena na Universidade e em escolas públicas de Parintins/AM, dentro do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

No que tange ao Ensino, em 2018, o curso de Letras do Ensino Superior de Paritins/ UEA, durante a reformulação do PPC (Projeto Político de Curso) e após um amplo debate

ISSN: 2358-8829

no NDE (Núcleo Docente Estruturante) sobre a Lei 11.645/2008, decidiu colocar aLiteratura Indígena como disciplina obrigatória na grade currúcular, por entender que por meio dessa literatura, a cultura indígena pode ser abordada em sala em sala, destacando a diversidade linguística e étnica dos povos originários, o multiculturalismo, a interculturalidade, o pensamento indígena impresso nos livros literários indígenas.

Outro ponto destacado é o entendimento de que a Literatura Indígena é fundamental na formação do licenciando em Letras, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual, profissional e cognitivo e para o reconhecimento da influência dos povos originários na sua identidade e formação cultural.

Assim, desde 2019 quando foi ofertado a disciplina Literaturta Indígena, tem-se observado quebras de paradigmas junto aos acadêmicos de Letras, pois estes no seu processo formativo tem encontado nas aulas um espaço de debate, de crítica e de reflexão sobre a importância dos povos indígenas na história do Brasil. Além do mais, o fato de o curso de Letras ofertar a Literatura Indígena contribui para que os acadêmicos não indígenas interajam e troquem conhecimento com os acadêmicos indígenas das etnia Satere Mawé e Hixkaryana de uma forma consciente e respeitosa entre eles.

As discussões de textos pertencentes aos intelectuais autóctones e as práticas leitoras com a Literatura Indígena têm provocado reações muito positivas dos acadêmicos, pois os mesmo também a utilizam como atividade de ensino nas escolas onde o subprojeto de Letras do PIBID (Programa de Iniciação à Docência) acontece.

No Pibid, as atividades práticas com Literatura Indígena e as discussões dos textos teóricos realizados nas aulas do curso de Letras ganham força e se potencializam, contribuindo, consequentemente, para a promoção de uma educação antirracista, mais igualitária e equitativa nas escolas.

Pode-se afirmar que nestes seis anos em que a disciplina Literatura Indígena é ofertada, os acadêmicos do curso de Letras finalizam a licenciatura não apenas como uma formação literária sobrfe essa literatura, mas, acima de tudo, com uma formação cidadã, compromissada, crítica e consciente sobre a relevância histórica, política e cultural dos povos indígenas para o Brasil.

Na Extensão, desenvolveu-se o projeto “A Literatura Indígena em sala de aula: leitura, circulação e recepção” em escolas públicas de Parintins. O projeto em questão visou promover a leitura e análise literária da literatura indígena, circulando-a em duas escolas públicas com alunos do Ensino Fundamental II, por meio de oficinas de leitura na

perspectiva da Estética da Recepção. A Estética da Recepção entende o leitor como terceira via do texto e o considera como coautor, pois ao ler e interpretar um texto, em especial o literário, ele também está produzindo sentidos, logo ele também é um produtor de texto.

O projeto colocou em prática a Lei 11.645/2008 apresentando a literatura indígena e seus devidos autores aos alunos das escolas de forma lúdica, criativa e partipativa.

Ainda sobre a Extensão, destacamos o Programa "Educação em Direitos Humanos e Práticas de Linguagens – EDHU", desenvolvido entre 2023 e 20025. Neste programa, a Literatura Indígena ganhou destaque no subprojeto *Aitó,* que significa nós na língua Mawé. O subprojeto promoveu a educação bilíngue indígena, a valorização e a visibilidade dos povos originários do Baixo-Amazonas, com alunos do Ensino Fundamental I em duas escolas públicas de Parintins/AM e seu objetivo principal foi o combate ao racismo e preconceito, e educação dos direitos dos povos indígenas.

No terceiro tripé da Universidade, a Pesquisa, destaca-se o trabalho desenvolvido na Universidade em cinco frentes: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), PAIC (Programa de Iniciação Científica), Doutorado, Mestrado e Produtividade Acadêmica.

No quesito TCC, desde 2015 tem-se se desenvolvido no curso de Letras inúmeras pesquisas de campo e bibliográfica com a Literatura Indígena. Sob minha orientação, somam-se 16 pesquisas com a esta literatura focalizadas na produção literária indígena de Yaguarê Yamã, Lia Minapoty, Roni Wasiry Guará, Elias Yaguakãg, Ytanajé Cardoso e Daniel Munduruku. Uma parte dessas pesquisas encontra-se catalogada no acervo digital da Universidade do Estado do Amazonas.

No PAIC, temos orientado pesquisas bibliográficas e de campo com a literatura indígena, focalizando em temáticas indígenas como memória, identidade, autonomia, autodeterminação, cultura, imaginário e protagonismo. As pesquisas de PAIC têm contribuído substancialmente para o construto de um *corpus* teórico sobre a literatura indígena, bem como a divulgação dessas pesquisas, da literatura e dos escritores indígenas em eventos científicos e culturais.

No doutorado, a Literatura Indígena, foi meu objeto de pesquisa. Durante quatro anos de doutorado na UnB (Universidade de Brasília), sob a orientação do doutor Danglei de Castro Pereira, desenvolvi a pesquisa a partir da análise de narrativas de autoria indígena. Entre os autores indígenas da pesquisa destaco Lia Minapoty, Yaguarê Yamã, Roni Wasiry Guará, Elias Yaguakãg, Ytanajé Cardoso, cujas narrativas comprovaram a

seguinte tese: A literatura indígena de escritores amazonenses contribui, de alguma forma, para a manutenção de nossa identidade cultural amazônica.

No Mestrado, no PPGLA (Programa de Pós Graduação em Letras e Artes) pesquisei os campos do imaginário literário em nove narrativas indígenas. Nessa pesquisa foram aplicadas as categorias do imaginário literário categorizados por Gilbert Durand (2002), comprovando que cada sociedade constrói a sua bacia semântica conforme seu imaginário, contexto cultural e histórico.

Ainda também com relação ao Mestrado, está em andamento, sob minha orientação, no PROFEDUCATEC -Mestrado Profissional em Processos e Tecnologias em Rede Nacional, uma pesquisa e elaboração de um produto educacional com a literatura indígena.

A quinta frente de pesquisa com a Literatura Indígena diz respeito ao projeto de Produtividade Acadêmica desenvolvido por esta pesquisadora. A Produtividade Acadêmica é um incentivo que a Universidade do Estado do Amazonas oferta aos docentes para que possam desenvolver suas pesquisas. No caso do projeto que desenvolvo, a pesquisa está em andamento e é aplicada em escolas públicas de Parintins.

O projeto de Produtividade Acadêmica aponta como alguns resultados parciais a falta de conhecimento da Lei 11.645/2008 e da Literatura Indígena por muitos professores, a falta desta literatura nas bibliotecas escolares e a recepção muito positiva desta literatura nas práticas de leitura em escolas públicas de Parintins/AM.

Os resultados mostram que a Literatura Indígena antes mesmo de se tornar disciplina obrigatória no curso de Letras do CESP/UEA, foi objeto de pesquisa, extensão e esteve presente também em atividades de ensino. Isso mostra um trabalho consistente e sistemático com esta literatura, reconhecendo-a como objeto de arte e como campo investigativo riquíssimo sobre as temáticas indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrevem suas narrativas literárias, os escitores indígenas reivindicam o lugar de seu povo na história oficial, ecoam suas vozes nas páginas do livro para além do espaço da aldeia, registram as lutas de seus antepassados e as atuais; registram os mitos, lendas, saberes, ancestralidade, tradição, memória e cultura de sua nação, numa escritura política e coletiva que veio para ficar. Assim, ao serem autores, sujeitos e protagonistas de sua

própria história, os povos indígenas provocam em seus leitores não indígenas outro olhar sobre as nações autóctones.

Ao ganhar espaço no mercado editorial e adentrar as Universidades e escolas, a Literatura Indígena consolida-se como obra de arte literária que esrtá provocando uma revisão no cânone literário e uma análise crítica na tradição literária brasileira quanto à representação do autóctone na Literatura Brasileira desde o século XVI ao XX.

É nesse contexto de reivindicação pelo seu direito de falar sobre si, a Literatura Indígena, não apenas pela força da lei, mas também pelas inúmeras públicações de livros indígenas, pelo trabalho coletivo dos escritores indígenas na divulgação de suas produções e pela leitura desta literatura por leitores não indígenas, que ela hoje está consolidada como literatura permanente na formação do licenciando em Letras, nas práticas de ensino, atividades extensionistas e de pesquisa dentro da Universidade.

Ao longo desses oito anos, percebe-se, principalmente por parte dos acadêmicos, seja ele indígena ou não, o reconhecimento da relevância da Literatura Literatura em sua formação acadêmica, intelectual, cognitiva, profissional, política e crítica. Do mesmo modo é muito gratificante perceber nas escolas onde esta literatura circula, o reconhecimento de professores e alunos, os quais relatam que os textos literários indígenas falam sobre nós, amazônidas, por isso nos reconhecemos neles.

Ensinar, pesquisar e promover atividades extensionistas com a Literatura Indígena, na e além da Universidade, é um ato político na busca de justiça curricular por uma educação antirraciasta, mais democrática, igualitária e equitativa.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Ensino, Pesquisa, Extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz** – as edições **das narrativas orais no Brasil.** Belo Horizonte: Autêtica; FALE/UFMG, 2004.

DORRICO, Julie. **A oralidade no impresso: o 'eu-nós lírico-político' da literatura indígena contemporânea**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504. Londrina, 2017

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Trad. Helder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002

GRAÚNA, Graça. **Literatura Indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos**. Tecido de Vozes, 2020**.** Disponível em: **https://gracagrauna.com/2020/11/16/literatura-indigena-desconstruindo-estereotipos-repensando-preconceitos/**

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

KAMBEBA, Márcia Wayna. O olhar da escrita. IN. DORRICO, Julie. DANNER, Fernando. DANNER, Leno Francisco. (Orgs.). **Literatura Indígena Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

KEHIRI, Tõramu; PÃLÕKUMU, Umusi. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõra.** 2. ed. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um Outro Olhar: perspectivas sobre o multiculturalismo e a história indígena no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores.** Lorena, SP: UKA Editorial, 2017.

PACHECO SICSÚ, Delma. **Narrativas de Escritores Indígenas Amazonenses: Modos de Ver; Modos de Pensar.** Orientador Danglei de Castro Pereira. Brasília, 2023, 251 p.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.